



REVISTA INTER-LEGERE
WWW.CCHLA.UFRN.BR/INTERLEGERE

VIOLÊNCIA PERPETRADA POR MULHERES, UMA REALIDADE OCULTA:¹ NOTAS PRÉVIAS DE PESQUISA

VIOLENCE PERPETRATED BY WOMEN: AN OCCULT REALITY: PRELIMINARY NOTES OF RESEARCH

Adriana Aparecida de Souza²

RESUMO

Este trabalho é uma síntese do estudo sobre violência intrafamiliar realizado na monografia intitulada: *A outra face da família: sobre a violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes*. Visa compreender e mostrar uma realidade pouco discutida no meio acadêmico, que é a violência perpetrada por mulheres, nos seus lares, contra seus filhos. Busca um diálogo com algumas teorias feministas que apontam a violência perpetrada pela mulher como violência reativa, na tentativa de procurar respostas para alguns questionamentos, tais como: será que essas teorias não camuflam a realidade? A violência praticada pelas mulheres é reativa? Ela pode ser fruto da violência cultural? Esperamos, assim, interpretar e desmistificar a imagem da mulher dócil, passiva e vítima que vem sendo construída ao longo da história. Estas são, portanto, notas prévias da pesquisa que vimos desenvolvendo no Curso de Mestrado, do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Palavras-chave: Violência; Gênero; Feminismo.

1 INTRODUÇÃO

¹ Esta pesquisa vem sendo realizada na base de pesquisa Núcleo de Pesquisa de Direitos Humanos e Intervenção Social da UFRN

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Bolsista CAPES.

Este trabalho vem sendo desenvolvido no sentido de aprofundar algumas questões provenientes da pesquisa realizada nos anos de 2004 e 2005 no SOS Criança do Rio Grande do Norte (disque denúncia), que teve como finalidade a elaboração da monografia intitulada *A outra face da família: sobre a violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes*, apresentada ao Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Os resultados desta apontam que os maiores agressores são as próprias mães, isto é, 58,8% dos casos são cometidos por mães e 15% são cometidos por pais (mãe e pai); assim, temos um total de 73,8% dos casos, ou seja, em mais da metade das agressões as mães são as agressoras ou então envolvidas na agressão, mostrando uma realidade em que a mulher é violenta.

Tal resultado nos impeliu a dar continuidade ao estudo, que ora apresentamos, o qual é parte integrante de nosso Curso de Mestrado em Ciências Sociais, sob a orientação da Professora Doutora Ana Tereza Lemos-Nelson. Objetivamos neste, compreender e mostrar uma realidade pouco discutida no meio acadêmico: a violência perpetrada por mulheres, nos seus lares, contra seus filhos, através de um diálogo com algumas teorias feministas que apontam a violência perpetrada pela mulher como reativa, na tentativa de procurar respostas para questionamentos, tais como: será que essas teorias não camuflam a realidade? A violência praticada pelas mulheres é violência reativa? Ela pode ser fruto da violência cultural? Assim, pretendemos discutir a problemática, esperando desmistificar a imagem da mulher dócil, passiva e vitimizada que vem sendo construída ao longo da história.

Diante disto, inicialmente discutimos sobre a temática nas teorias feministas que nos dão elementos para a discussão do problema, servindo como argumento para a sustentação de nossa proposta de dissertação, qual seja: a mulher também é um sujeito que pratica violência, embora esteja oculta e não seja discutida cientificamente.

2 REVISITANDO AS TEORIAS FEMINISTAS

A corrente mais abrangente dos movimentos feministas descreve a mulher sempre como vítima das agressões. Segundo o modelo feminista, a violência que afeta a mulher é uma violência de gênero, ou seja, uma violência masculina, pois os homens têm a necessidade de controlar e exercer poder sobre as mulheres. É um padrão de comportamento apreendido e endossado pela sociedade. A violência é o abuso que os homens infligem às mulheres e que, nesse abuso, estão arraigados não apenas a convicção masculina de inferioridade das mulheres, mas o ódio que eles têm delas. A submissão da mulher é levada a efeito e mantida por padrões de relação interpessoal prescritos pelas estruturas culturais e sociais. (BART, 1980, MORGAN, 1980).

A mulher é vítima passiva da agressão, e apenas esporadicamente é violenta e, quase sempre, para se defender. Nesse modelo, as manifestações de violência feminina vão ser entendidas como gestos de autodefesa, como respostas emocionais e vitimizações, ou como acontecimentos isolados.

Outra corrente trabalhada pelos movimentos feministas discute a questão da mulher em que ela também pode perpetrar a violência, seja ela sobre seu companheiro ou sobre sua prole. E quando a mulher sofre violência, ela não sofre passivamente as agressões cometidas por seus parceiros, pois de uma forma ou de outra, ela sempre reage. Mas, quando o faz impetuosamente, sua violência é reativa. Isto não impede que exista mulher violenta, mas são raros os casos, devido à supremacia masculina e à socialização da mulher para a docilidade. (SAFFIOT, 2004, CAMUÇA, 2002, MACÊDO, 2002).

E, ainda seguindo essa teoria, a violência praticada pela mulher contra seus filhos é de natureza familiar. As mulheres que maltratam seus filhos, e são elementos inferiores na hierarquia doméstica, é porque, antes, muitas vezes elas podem ter sido violadas primeiro por seus companheiros. Saffioti (2004).

As mulheres são socializadas para conviver com a impotência e os homens, sempre vinculados à força, são preparados para o exercício do poder. Num momento que ocorre um desequilíbrio, nesse esquema, a violência pode acontecer. Existe uma tolerância e até um incentivo da sociedade para que os homens exerçam sua força/potência/dominação contra as mulheres. A violência, dentro da família, é

tramada conjuntamente, embora não igualmente, por vários indivíduos no caldeirão da família. A mulher não é cúmplice de seu agressor, mas cede às agressões, conforme Saffioti (2004).

Portanto, de acordo com essa teoria, a mulher não é uma vítima passiva da violência, pois ela sempre reage de uma forma ou de outra, porque a mulher não é apenas objeto, ela é também sujeito, na medida em que aceita os papéis impostos pela sociedade em que está inserida.

Por várias décadas as mulheres são temas para trabalhos, principalmente no que se refere à violência contra elas. E muitos desses trabalhos relatam que essa violência é constituinte da questão de gênero. A violência contra a mulher é praticada em vários países do mundo, até hoje estudados. Essa violência encontra justificativa nas regras sociais das relações de gênero, que ainda reforçam a valorização diferenciada do masculino e do feminino, colocando o homem numa posição superior à mulher.

A violência praticada por parte do marido, companheiro e namorado, como também ex-marido, ex-companheiro e ex-namorado se manifesta de várias formas: violência física (golpes, bofetadas, pontapés); psicológica (menosprezo, intimidações, humilhações constantes); e sexual (relação sexual forçada), chegando muitas vezes a provocar a morte da vítima. A mulher, na relação entre homem e mulher, é provavelmente a maior vítima e, neste caso, a sua violência é reativa. Não se pretende negar essa realidade.

Este assunto não desmerece atenção; a mulher é vítima sim, no que tange às relações entre homens e mulheres nos seus lares. Mas também a mulher está sujeita a cometer atos violentos sem que eles sejam apenas reações de defesa, pois ela está inserida na sociedade e participa das relações sociais, tanto absorve como reproduz essas relações, portanto, está sujeita a praticar violência também, principalmente contra sua prole.

O que se percebe é que sexo dominador, no caso o masculino, é identificado como o mal; e o oprimido a, mulher, com o bem. Ou seja, a mulher sempre no papel de oprimida e o homem no de opressor. Coragem, espírito de sacrifício, dedicação são estas as virtudes da boa mãe que, por definição, ignora os vícios e pulsões do mau pai.

A mulher está submetida também à cultura de violência, esta que ganha diferentes formas e significados, de acordo com os valores culturais e ideológicos de cada sociedade. A cultura da violência está presente tanto em atos que expressam uma violência institucionalizada, como em atos de violência praticados por cidadãos comuns, de acordo com Ruth V. Ferreira (2002, p. 16). A violência é uma forma de relação social e está enraizada no modo pelos quais os homens produzem e reproduzem suas condições de existência social. Assim, a violência expressa padrões de sociabilidade, modos de vida, modelos de comportamento existentes numa sociedade, em um determinado período histórico, constituindo uma cultura da violência. (GUERRA, 1998).

A mulher, sendo submetida a essa cultura, está sujeita a reproduzi-la. Neste projeto, pretendemos estudar a mulher como autora de atos violentos, desmistificar a imagem da mulher como sendo dócil, frágil, passiva. Mostrar que ela é também reprodutora dessa violência. Fazer uma crítica a algumas teorias feministas que ainda tratam a mulher apenas como vítimas de violência, pois entendemos que este assunto é de extrema importância para as ciências sociais, já que é um tema pouquíssimo trabalhado. Não apenas o homem, mas a mulher também está sujeita a exercer poder, sendo, assim, uma freqüente autora de maus-tratos contra crianças, isto porque um indivíduo que é socializado numa sociedade violenta não pode ser passivo.

Assim sendo, três questões fundamentais guiam esta pesquisa:

a) A primeira, é que a realidade das famílias está mudando no sentido de que as mulheres estão cada vez mais assumindo os espaços que antes eram dominados pelos homens. Assim, ao ocuparem a posição de chefes de família, trazem para si também as responsabilidades de sustento, proteção, educação etc. Desta maneira absorvem formas, valores e comportamentos que antes eram apenas características do mundo masculino, Camuça (2002).

Entretanto, no mercado de trabalho, as mulheres estão nas profissões de menor prestígio e mais baixa remuneração, como também apresentam taxas de desemprego mais altas; também estão mais presentes, no mercado informal, além de terem menor acesso a uma mobilidade vertical positiva, quando empregadas estão menos incluídas que os homens nas chamadas garantias trabalhistas como carteira assinada, previdência social etc. (CAMUÇA, 2002).

As mulheres sofrem mais, por causa de algumas de suas possíveis características sociodemográficas, como a idade, o estado civil e a condição de maternidade, fatores ainda mais limitantes para sua inserção no mercado de trabalho. Porém isso não quer dizer que a violência ocorra só nas classes mais pobres; ela existe em todas as classes sociais.

Portanto, no momento em que elas invadem o espaço, que antes era destinado aos homens, trazem com isso também as formas, as normas de agir dos homens como, por exemplo, no momento em que ocorre o desemprego, ocorre também o descontrole que pode levá-las a agir com violência, porque elas são afetadas da mesma forma que os homens.

Esta questão está diretamente ligada à segunda, pois a mulher traz para si toda a responsabilidade que o chefe de família tem, mas não traz, por exemplo, a aceitação no mercado de trabalho com igualdade com os homens, fazendo com que ela tenha mais dificuldade em cumprir seu papel de provedora da família.

b) A segunda, é como as mulheres, que têm seus direitos violados, podem respeitar os direitos dos outros e principalmente de seus filhos. A violência praticada pela mulher contra seus filhos pode ser proveniente da não aplicação dos seus direitos, pois, antes de violar, ela tem seus direitos humanos violados por seus companheiros e até mesmo pelo Estado.

A falta de respeito, de reconhecimento como cidadã, a não acessibilidade a direitos fundamentais, como moradia, alimentação etc., são alguns dos direitos que muitas vezes são negados às mulheres, sejam no seu lar pelo seu companheiro que não lhe permite ser independente, que não a respeita, seja pelo Estado que não a percebe, e, quando isto acontece, é apenas sob o ângulo de sua participação na esfera da reprodução, ou seja, não há compreensão das necessidades específicas das mulheres. E como uma pessoa que não tem seus direitos respeitados tem consciência dos direitos dos outros?

c) E a terceira questão é que as mulheres vivem numa sociedade que cultiva a violência como meio de educar; assim, absorvem e reproduzem essa violência, como, por exemplo, a forma de educar os filhos. As práticas de castigos nas culturas humanas fazem parte da crença, e são mantidas nessas culturas, para educar os indivíduos, condicionando-os a seguir as leis sociais. (KAUFMAN 1997). Isto é, as mulheres usam este modelo de aprendizagem que utiliza o castigo como meio de

educar. Como mulheres que vivem no meio social que aceita e valoriza o castigo físico como forma de educar, podem, não se envolver, podem não ser absorvidas por essa cultura?

São questões que consideramos importantes para serem estudadas nessa realidade de violência perpetrada por mulheres contra sua prole, como também por serem de extremo interesse para as Ciências Sociais, por se tratar de um tema que é pouco estudado.

3 OBJETIVO

Compreender e mostrar uma realidade pouco discutida no meio acadêmico, que é a violência perpetrada por mulheres nos seus lares contra seus filhos. Esse assunto, apesar de já ser bastante discutido e reconhecido, no caso de violência contra crianças e adolescentes, algumas teorias feministas consideram a mulher apenas como vítima de violência e nunca como agressora. O interesse em trabalhar com este tema deriva-se do reconhecimento de que ele é pouco abordado e de que precisaria de uma maior atenção por parte dos cientistas sociais, já que os trabalhos existentes nessa área tratam a mulher apenas como vítima de maus-tratos, de violência e quase nunca como autora da agressão.

4 ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

A metodologia que pretendemos utilizar terá como base um diálogo teórico/metodológico entre as abordagens quantitativas e qualitativas através de uma amostra aleatória. Os dados quantitativos serão colhidos no SOS Criança e na Delegacia da Criança e do Adolescente, enquanto os dados os qualitativos serão aferidos por meio de entrevistas e questionários que visem apreender como as mulheres do universo da instituição SOS Criança e de algumas escolas particulares, vêem a questão da violência no seu cotidiano. O intento é que estas estratégias consigam responder aos nossos questionamentos para o desenvolvimento de um trabalho que assimile objetivamente o conhecimento dessa realidade importante para o universo familiar e social.

5 CRONOGRAMA

CRONOGRAMA ANO DE 2007									
Atividades	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.	Agos.	Set.	Out.	Nov.
Leituras	X	X	X						
Coleta material empírico			X	X					
Leituras				X	X				
Coleta de dados				X	X	X			
Qualificação						X			
Produção dissertação						X	X	X	
Defesa									X

6 RESULTADOS E IMPACTOS ESPERADOS

Pretendemos, com esse trabalho, expor uma realidade oculta da família e da sociedade, na tentativa de que os estudiosos do assunto e os governos a percebam e comecem a discuti-la, pois tensionamos mostrar que o amor materno é uma construção social, um sentimento humano, e não algo natural da mulher. Como sentimento humano, é incerto, frágil e imperfeito, pois não se nasce com o sentimento de amor materno; ele é construído ao longo da socialização da mulher. Esperamos, assim, desmistificar a imagem da mulher dócil, passiva, vítima que vem sendo construída e reproduzida ao longo da história.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Maria de Fátima. **Violência e abuso sexual na família**. Psicologia em estudo. v. 7, n. 2, Maringá, julho de 2002.

ARIÈS, P. **História da criança e da família**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

ASSIS, Simone Gonçalves. Crescendo em meio à violência. In: **Violência e Criança**. WESTPHAL, Márcia Faria (Org.) São Paulo, Ed. Universidade de São Paulo, 2002.

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: O mito do amor materno**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.

BADINTER, Elisabeth. **Rumo Equivocado: O feminismo e alguns destinos**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2005.

BART, Pauline B. **Stopping rape: Successful survival strategies**. Elmsford, New York, Pergamon, 1985.

CAMURÇA, Silvia. Sobre o problema das desigualdades de gênero no desenvolvimento e para a democracia. In: **Perspectivas de gênero: Debates e questões para as Ongs**. Recife: GTGênero – Plataforma de contra partes Novib/SOS Corpo Gênero e Cidadania, 2002.

DAY, Vivian Peres; TELES, Lisieux Elaine de Borba; ZORATTO, Pedro Henrique; AZZAMBUJA, Regina Fay; MACHADO, Denise Arlete; SILVEIRA, Marisa Braz; DEBIAGGI, Moema; REIS, Maria das Graças; CARDOSO, Rogério Goettert; BLANK, Paulo. Violência doméstica e suas diferentes manifestações. **Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul**. n. 25. n. 1, Porto Alegre, abril 2003.

FERREIRA, Ruth Vasconcellos Lopes. **A cultura da violência em Alagoas: Um estudo em Representação Social**. Tese de Doutorado. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, 2002.

GÉLIS, J. A individualização da criança. In: **História da vida privada**. Rio de Janeiro, Guanabara, 1985.

GUERRA, V. N. de Azevedo. **Violência de pais contra filhos: a tragédia revisitada**. 3. ed. São Paulo, Cortez, 1998.

KAUFMAN, Michael. The construction of masculinity and the triad of man's violence. In: **Gender violence: Interdisciplinary perspectives**. New York university press, 1997.

MACÊDO, Márcia S. Relações de gênero no contexto urbano: um olhar sobre as mulheres. In: **Perspectivas de gênero: Debates e questões para as ONGs**. Recife: GTGênero – Plataforma de contra partes Novib/ SOS Corpo Gênero e Cidadania, 2002.

MORGAN, R. Theory and practice: Pornography and rape. In_ **Lederer, Take back the night: women and pornography**. New York: Morrow, 1980.

PESSOA, Ana Maria. Representações sociais da violência na família e estratégias utilizadas pelos pais. In_ **(Re)construções da Juventude: Cultura e representações contemporâneas**. ALVIM, Rosilene; FERREIRA, Edísio; QUEIROZ, Tereza. (Org.). João Pessoa: Universitária – PPGS/UFPB, 2004.

PITANGUY, Jaqueline. **Discurso sobre a questão do movimento feminista no Brasil**. Apresentado no Encontro Nacional de Delegados e Delegadas das Delegacias Especializadas de Atendimento à Mulher. Brasília, nov., 2003.

SAFFIOTI, Heleieth. Já se mete a colher em briga de marido e mulher. In: **A violência Disseminada**. São Paulo, São Paulo em perspectiva 13 (4) Fundação Seade, out. – dez. 1999, p. 82-91.

SOARES, Bárbara Musuneci. **Mulheres Invisíveis: violência conjugal e as novas políticas de segurança**. Rio de Janeiro: civilização Brasileira, 1999.

SOUSA, Alípio. **Medos, mitos e castigos: notas sobre a pena de morte**. São Paulo, Cortez, 1995.

SOUZA, Adriana A. **A outra face da família: sobre a violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes**. Monografia de Conclusão de Curso, Ciências Sociais da UFRN, 2005.

